



São Paulo, 29 a 31 de Julho de 2020

XX USP International Conference in Accounting *"Accounting as a Governance mechanism"*

Mortes que importam: de counter accounting do luto político na pandemia de Covid-19 do Brasil

JOÃO PAULO RESENDE DE LIMA

Universidade de São Paulo

Université Laval

SILVIA PEREIRA DE CASTRO CASA NOVA

Universidade de São Paulo

Resumo

Durante a pandemia de Covid-19, a pergunta ecoando entre pesquisadores em contabilidade foi qual a possível contribuição dessa área de conhecimento para seu enfrentamento. Esse incômodo gerou resposta imediata na comunidade, com o aparecimento de chamadas como forma de reunir a reflexão da academia contábil. No entanto, envolta pelo manto da quantificação, parecia inicialmente que estaríamos limitados à contabilizar as perdas de vidas e nos preocuparmos com o impacto econômico e financeiro da crise. Essa pesquisa surge como contraposição a esse projeto quantificador, propondo uma ressignificação do luto como parte do fazer contábil, como parte da agência humana e como possibilidade de retomar a humanidade tomada das vidas perdidas transformadas em números. Para isso, contrastamos as estatísticas arquitetadas no combate à pandemia no Brasil, entendidas como uma tecnologia contábil, com as histórias generificadas e racializadas de pessoas que morreram durante a pandemia. Nosso argumento principal é que, nas classificações sociais durante pandemia, algumas vidas ganharam mais importância que outras, principalmente em países profundamente desiguais como o Brasil. Assim, questionamos: O que torna uma vida mais valiosa que a outra? O que torna um óbito digno de luto público enquanto tantos outros serão esquecidos como estatísticas? Apoiados pelo counter-accounting, luto político como proposto por Butler (2003), a necropolítica proposta por Mbembe (2016) e cuidado perigoso proposto por Pimenta (2019), discutimos: como a tecnologia da pandemia pode ser entendida como um projeto de invisibilização de perdas (in)contá(v)beis; movimentos de resistência social que o refundam.

Palavras-chave: Coronavírus, Accountability, Luto contábil.

1. INTRODUÇÃO

No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto de coronavírus – também conhecido como Covid-19 – como uma pandemia, ou seja, uma doença de alto contágio que se espalhou em grande parte dos países do mundo. Desde então, temos assistido às dinâmicas sociais como conhecíamos serem profundamente alteradas nas mais diversas esferas da vida.

A Covid-19 é uma crise que marcará o século que vivemos. Para descrever o cenário da pandemia são utilizados até mesmo analogias bélicas. Assim como nas guerras às quais a pandemia é comparada o número de mortes aumenta a cada dia que passa. Segundo dados da OMS até 22 de maio 2020 existiam 5.378.250 casos e 342.838 mortes no mundo. Tais números mostram o impacto da pandemia de maneira geral. Contudo, eles possuem um lado muitas vezes esquecidos: tais números, na verdade, são pessoas que agora fazem parte do luto de uma família, são vidas e histórias interrompidas.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma contra narrativa aos números da pandemia que se acumulam. Para tal, utilizamos o arcabouço teórico desenvolvido por Butler (2003; 2015) para discutir o que torna algumas mortes passíveis de luto, enquanto outras são ignoradas, desumanizadas e transformadas em número. Adicionalmente, adotamos os conceitos de necropolítica (Mbembe, 2016), de *counter accounting* (Lehman, Annisette & Agyemang, 2016; Gray & Gray, 2011; Gallhofer et al., 2006; Lehman, 2019; Sikka, 2006; Vinnari & Laine, 2017) e cuidado perigoso (Pimenta, 2019) para analisar as narrativas das vidas perdidas na pandemia. Metodologicamente utilizamos memoriais para (re)contar as histórias das vidas perdidas ao decorrer dessa pandemia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A redução das pessoas a estatísticas e números pode ser utilizada como uma forma de manipulação e controle, além de ser uma ferramenta de desumanização (Rabinow, 1985; Porter, 1995). A lógica da quantificação ainda serve para classificar as pessoas de acordo com rótulos sociais e criar hierarquias baseadas na colonialidade do poder e no discurso neoliberal que hoje permeia nossa sociedade (Bomfim, Salles e Bahia, 2019; Cutrim & Sefair, 2019; Rodrigues & Pinheiros, 2019). É exatamente a partir dessas classificações sociais que são determinados quem deve ser considerado humano e quem deve viver no espectro de desrealização (Butler, 2003; Freire, 2019).

Na lógica da desrealização, os grupos sociais considerados de “segunda classe” se tornam números desumanizados, alvos da necropolítica (Mbembe, 2016) cujas mortes não são dignas de serem publicamente pranteáveis (Butler, 2003). Dessa maneira, suas mortes são números que se acumulam friamente. Visando romper essa lógica quantitativa e fria, as ciências humanas, sociais e sociais aplicadas podem trazer o ser humano e sua agência de volta ao centro da discussão, para tal utilizando narrativas alternativas ao discurso hegemônico dos atores sociais dominantes.

Uma possibilidade para construção dessas narrativas é encontrada na discussão de *counter accounting* que, no presente trabalho: explicita a relação entre contabilidade e direitos humanos, inclui vozes muitas vezes silenciadas, e visa devolver o caráter humano aos indivíduos que, muitas vezes, são tratados como de segunda classe ou simplesmente *commodities* (Lehman, Annisette & Agyemang, 2016; Gray & Gray, 2011; Gallhofer et al., 2006).

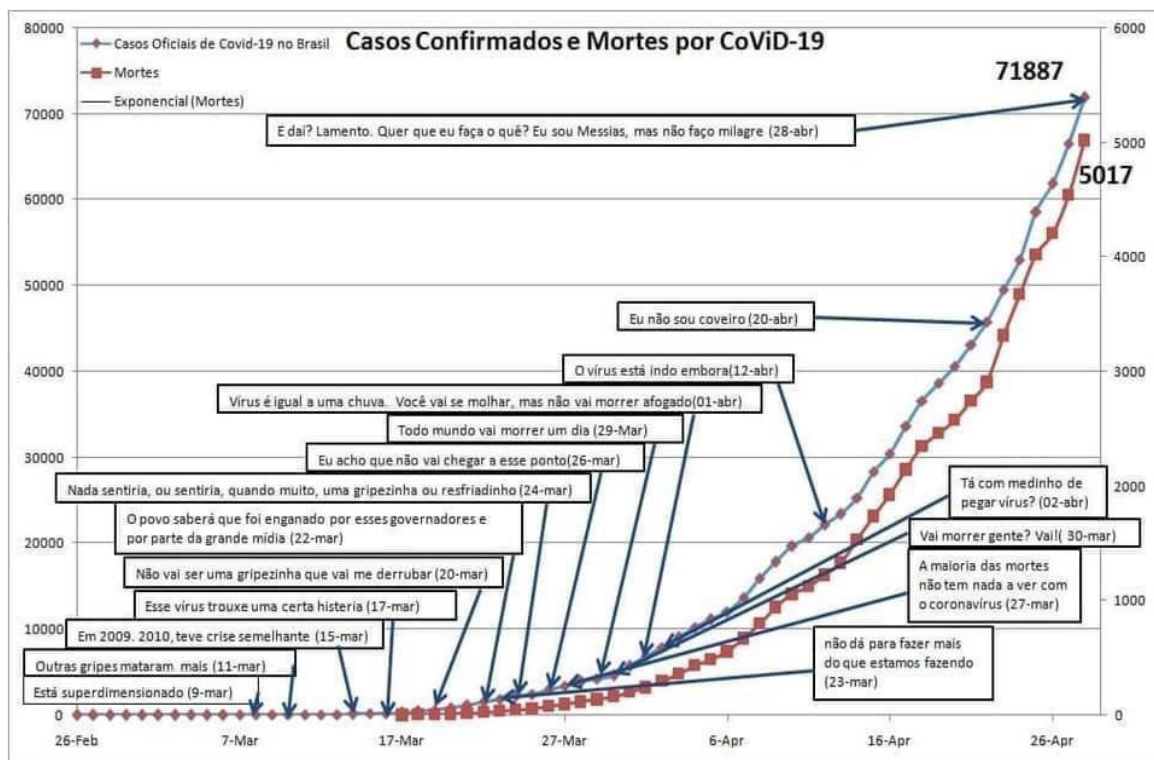
Apesar de os vírus que compõem as epidemias e pandemias não fazerem diferença acerca de sexo, gênero, raça, classe social, entre outros marcadores de diferença, as condições

de contágio e enfrentamento da pandemia fazem. Como destaca Shantz (2010), o mundo capitalista que vivemos reforça as desigualdades e vulnerabilidades e instaura a necropolítica, ou seja, a decisão sobre quem pode viver e quem deve morrer.

3. ANÁLISE & DISCUSSÃO

As estatísticas da morte do Covid-19, no sítio do Ministério da Saúde, Painel Coronavírus, em 20 de maio de 2020, indicam 291.579 casos confirmados e 18.859 óbitos. Esses dados estão envoltos em uma névoa de subnotificação, devido à baixa testagem. Enquanto essas perdas se empilham, o país se perde em uma discussão polarizadas entre as ações descoordenadas de um governo federal que, durante a pandemia, está em seu terceiro ministro da saúde, agora com um militar ocupando o cargo interinamente, e em que a sociedade se perde em discussões entre as perdas de vida e as perdas econômicas, em grande parte levantadas pela presidência da república.

O gráfico contrasta as declarações do presidente da república com o número de óbitos no país. Em pronunciamentos oficiais mostrou uma postura inconstante, ecoando a necessidade do cuidado ou afirmando que se tratava de “uma gripezinha”.



Para contrapor esses números, que perdem a humanidade, projetos memoriais foram sendo construídos. Argumentamos que esses projetos se constituem de uma *counter-accounting*, que traremos para dialogar com os atos dessa tragédia anunciada.

“Relicários são memórias, aquilo que guardamos. Aqui são relicários de uma epidemia no Brasil.” Assim se apresenta o memorial **reliquia.rum**¹ de Debora Diniz e Ramon Ruiz, que o construíram como “um álbum de memórias, de lembranças, de saudade” que todos os dias conta pelo menos as histórias de duas mulheres, mortas durante a pandemia, pois que “[e]m uma pandemia a vida de todas nós é transformada em números de uma multidão, em números de uma tragédia, e o que tentamos fazer aqui, com fotografias que são a recuperação de um passado que não é o passado de nenhuma de nós, em nosso tempo histórico, é tentar imaginar que foram essas vidas, quem foram essas pessoas e para elas oferecer a nossa lembrança”. (Débora Diniz, 2020).

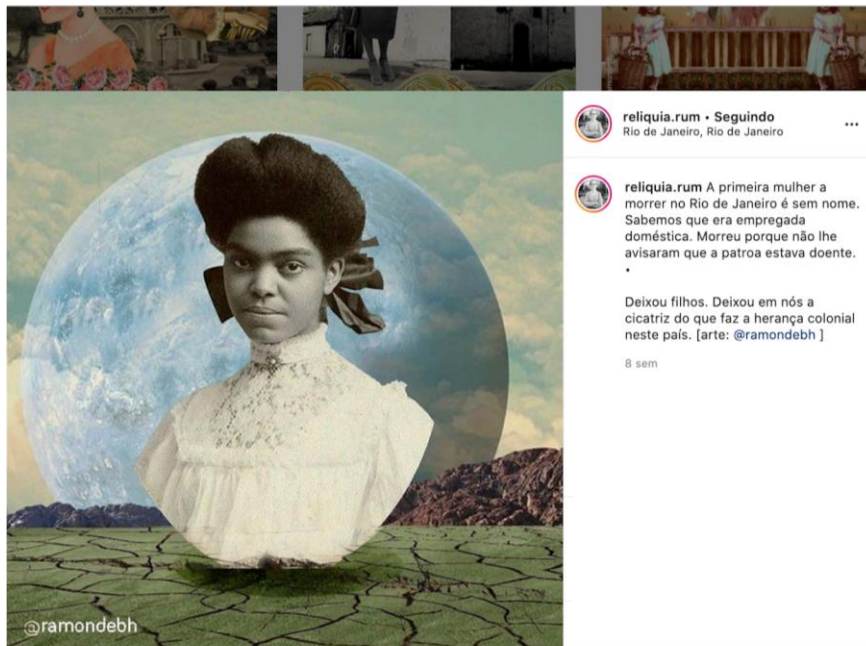
A primeira morte confirmada por Covid-19 acontece no Rio de Janeiro, em 16 de março de 2020: Dona Cleonice, doméstica, 63 anos, trabalhou por 20 anos como cozinheira para uma família.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) são 6,3 milhões de trabalhadores domésticos no país, sendo que 1,5 milhão estão registrados, 2,3 milhões trabalham na informalidade e 2,5 milhões trabalham como diaristas. O país tem a maior população de empregados domésticos do mundo. Tal cenário pode ser entendido como fruto de uma herança que estudos relacionam a nosso passado escravagista e à inserção das mulheres no mundo do trabalho sem um sistema de suporte, seja ele das empresas e organizações, seja ele parte de um sistema de proteção social às famílias, que redundava na permanência e na relevância do trabalho desse exército de mulheres.

As relações trabalhistas das empregadas domésticas no Brasil se constituem a partir de práticas que reforçam estereótipos de gênero, por meio das práticas de cuidado, de relações racializadas, visto que a maior parte das empregadas são negras, além de se constituir como uma relação desigual de poder (Teixeira, 2015). A partir, disso observamos como tal profissão tem sua identidade pautada na ideia do “outro do outro” proposta por Djamila Ribeiro (2019), motivo que pode explicar seu processo de invisibilização e desumanização, como tem ocorrido na Covid-19.

Para as trabalhadoras informais, o auxílio emergencial anunciado pelo Governo seria um respiro financeiro. Nas normas para receber o auxílio, elas, muitas já dispensadas pelos patrões, seriam contempladas com 600 reais mensais e, no caso de serem únicas provedoras de suas famílias, de 1.200 reais. Para as registradas, a redução da jornada e a suspensão do contrato seriam possíveis, com governo assumindo o pagamento.

Inúmeros problemas foram reportados para que o dinheiro chegasse às pessoas e para que redução da jornada ou suspensão do contrato fossem formalizadas. Um dos principais problemas reportado foi a falta de acesso ao aplicativo e à internet para cadastro e solicitação do auxílio. A partir dessa situação podemos observar como tal população faz parte de um processo de “desrealização” conforme proposto por Butler (2003), afinal, teimam em existir num estado de inexistência social. A reflexão do **reliquia.rum** contrapõe essa história perpetuada em números e na exclusão.



Essa morte foi repercutida na mídia seu detalhando contexto. Na análise do jornal Brasil 247, além do relato da vivência e do fato, é feita uma reflexão sobre a desigualdade que marca nosso país e sua decorrências:

Durante 20 anos, trabalhou como empregada doméstica no Leblon, bairro nobre do Rio que tem o metro quadrado mais caro do país. “A patroa não avisou para ela que achava que estava doente”, diz o irmão de 56 anos da paciente. [...] Parecia uma tragédia anunciada, em um país tão desigual. Sem orientação clara do governo federal, são inúmeros os casos como o dela, em que empregadas domésticas continuam sendo obrigadas a trabalhar em casas de família, se expondo ao risco do contágio. (Brasil247, 22 de março de 2020).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto em outros países a Covid-19 era considerada uma doença que atingia pessoas idosas e grupos de risco, no Brasil é uma doença que possui classe social, gênero e raça, como destaca a reflexão feita por Faustino (2020) acerca dos privilégios e desigualdades escancaradas pela pandemia. Por possuir rótulos sociais que marcam quem pode morrer e quem deve viver é relacionada à discussão de necropolítica (Mbembe, 2016). Em uma *counter-accounting* da pandemia, os memoriais permitem (re)construir e (re)contar as histórias das vidas perdidas ao decorrer dessa pandemia, contrapondo-nos à lógica desrealização, em que grupos sociais considerados de “segunda classe” se tornam números desumanizados.

REFERÊNCIAS

Bomfim, R.; Salles, V. & Bahia, Alexandre. (2019). Necropolítica Trans: o gênero, cor e raça das LGBTI que morrem no Brasil são definidos pelo racismo de Estado. *Argumenta Journal Law*, 31, 153-170.

Butler, J. (2003). *Precarious life: The powers of mourning and violence*. verso.

- Cutrim, I. A., & Sefair, C. A Necropolítica Neoliberal e as Políticas de Austeridade no Governo de Jair Bolsonaro: As Reformas, as Mulheres e a Cidade. *PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, 3(10).
- Freire, Lucas. (2020). BUTLER, Judith. 2019. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. 189 pp.. Mana, 26(1), e261801
- Gallhofer, S., Haslam, J., Gallhofer, S., Haslam, J., Monk, E. & Roberts, C. (2006), "The emancipatory potential of online reporting: The case of counter accounting", *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, Vol. 19 No. 5, pp. 681-718. <https://doi.org/10.1108/09513570610689668>
- Gray, R., & Gray, S. (2011). Accountability and human rights: A tentative exploration and a commentary. *Critical Perspectives on Accounting*, 22(8), 781-789.
- Lehman, C. R. (2019). Reflecting on now more than ever: Feminism in accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 65, 102080.
- Lehman, C., Annisette, M. and Agyemang, G. (2016), "Immigration and neoliberalism: three cases and counter accounts", *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, Vol. 29 No. 1, pp. 43-79. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-09-2013-1470>
- Mbembe, A. (2016). Necropolíticas (Tradução de Renata Santini). *Arte e ensaios*, 32, 123-151.
- Pimenta, D. M. (2019). *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.8.2019.tde-17062019-142750
- Porter, T.M. (1995). *Trust in numbers: The pursuit of objectivity in science and public life*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Rabinow, P. (1985). *The Foucault reader*. New York, New York: Pantheon.
- Rodrigues, H., & Pinheiro, J. (2019). A necropolítica neoliberal de encontro ao nomadismo: uma corpografia dos povos errantes na Bahia, no contexto do bolsonarismo no Brasil. *Revista Extraprensa*, 13(1), 241-261. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.163215>
- Shantz, J. (2010). Capitalism is making us sick: Poverty, illness and the SARS crisis in Toronto. *Advances in Medical Sociology* (Vol. 11). Elsevier. [https://doi.org/10.1108/S1057-6290\(2010\)0000011005](https://doi.org/10.1108/S1057-6290(2010)0000011005)
- Sikka, P. (2006). The internet and possibilities for counter accounts: some reflections. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 19(5), 759-769.
- Vinnari, E., & Laine, M. (2017). The moral mechanism of counter accounts: The case of industrial animal production. *Accounting, Organizations and Society*, 57, 1-17.



São Paulo, 29 a 31 de Julho de 2020

XX USP International Conference in Accounting

"Accounting as a Governance mechanism"

ⁱ <https://www.instagram.com/reliquia.rum/>